

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
PEDAGOGIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS NEURODIVERGENTES NA
PERSPECTIVA INCLUSIVA: EDUCAÇÃO E AUTISMO**

Por Kézia Moreira dos Santos – RA 72001682

Trabalho de Conclusão de Curso como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia, do Centro Universitário de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Barros Pontes e Silva (NEAD/UniCEUB)

Banca examinadora:

Msc. Amanda Araújo Neves (SEEDF)

Dr. Saulo Pequeno Nogueira Florencio (NEAD/UniCEUB)

Brasília, DF

2025

Alfabetização de crianças neurodivergentes na perspectiva inclusiva: educação e autismo

RESUMO: A alfabetização de crianças neurodivergentes, como aquelas com TEA, TDAH e dislexia, requer práticas pedagógicas adaptadas às suas singularidades. É essencial utilizar métodos diferenciados e estratégias inclusivas que promovam um aprendizado significativo. Recursos visuais, táteis, tecnológicos e uma rotina estruturada favorecem o engajamento e a motivação. O ensino baseado em interesses específicos da criança potencializa os resultados. Estratégias como o ensino multissensorial, mediação individualizada e uso de jogos fortalecem a aprendizagem. O ambiente deve ser acolhedor e promover a colaboração entre escola, família e profissionais de apoio. Respeitar o ritmo de cada criança é fundamental para garantir avanços consistentes. A personalização do ensino possibilita o desenvolvimento eficaz da linguagem e da leitura. Assim, assegura-se uma alfabetização inclusiva, acessível e centrada nas necessidades da criança. Essas práticas promovem autonomia, expressão e pleno desenvolvimento.

PALAVRAS-CHAVE: Crianças, Alfabetização, Inclusão, Autismo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade que me foi concedida de iniciar e concluir esse curso, ao meu marido Felipe Vello pelo carinho e incentivo de sempre, meus familiares por me apoiarem, ao meu filho amado que sempre vai ser o meu combustível para seguir em frente. Meu muito obrigada.

INTRODUÇÃO

A alfabetização é um processo pedagógico de grande relevância na vida cotidiana e social da criança. É a partir do entendimento da escrita e leitura que as crianças se conectam ao mundo, utilizando suas habilidades cognitivas e emocionais para entender o outro e a si mesmo. No entanto, quando se trata de crianças neurodivergentes com especificidades como: TDAH, (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade), dislexia e TEA (Transtorno do Espectro Autista), a alfabetização pode se tornar uma fase desafiadora quando a educação não considera as especificidades de cada criança.

A presente pesquisa do trabalho de conclusão de curso tem como objetivo geral investigar como as práticas e métodos pedagógicos podem contribuir na alfabetização das crianças neurodivergentes, possibilitando um aprendizado construtivo e inclusivo.

A partir dos estudos e experiências vividas, evidencia-se uma problemática da pesquisa: quais metodologias aplicadas serão eficazes para alfabetização de crianças neurodivergentes.

O estudo abordará a importância da alfabetização de crianças neurodivergentes, com ênfase na alfabetização de autistas e como a inclusão acontece na vida dessas crianças. Assim a importância de trabalhar com a adaptação de materiais pedagógicos na busca de atender as necessidades individuais das crianças atípicas em sala de aula. Compreender o desenvolvimento das crianças atípicas é um passo de grande importância para que o aprendizado aconteça.

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho é descrever através de autores e teóricos do assunto, de que forma ambientes inclusivos e acolhedores, podem contribuir para que as crianças tenham acolhimento, acessibilidade, respeito e aprendizado.

Entender que a alfabetização deve acontecer de forma individualizada e contextualizada para ressignificar as dificuldades em pequenos avanços na vida dessas crianças, deve fazer parte do processo de alfabetização dessas crianças.

A pesquisa é de ordem qualitativa, com a utilização de obras bibliográficas, artigos, publicações. Os objetivos específicos são:

- Buscar práticas pedagógicas que atendam às necessidades de crianças com transtornos no desenvolvimento;
- Avaliar metodologias utilizadas na alfabetização de crianças neurodivergentes;
- Descrever técnicas que possibilitem a permanência e inclusão dessas crianças em sala.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Concepções e características do espectro autista

Alfabetização de crianças neurodivergentes é um tema complexo que requer uma abordagem sobre as necessidades individuais de cada aluno.

O conceito de neurodivergência está relacionado às variações naturais na forma de como o cérebro funciona, processo informações e se comportam. Silva 2019 afirma que essas condições incluem autismo, dislexia, teste de atenção e hiperatividade entre outras.

Conforme o manual de Diagnóstico estatística de transtorno mental (DSM.5) o autismo caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação e na interação social em múltiplos contextos, incluindo destes na reciprocidade social, em comportamentos não verbal comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos.

O aluno evita contato visual, o desenvolvimento da linguagem parece ser diferente, o aluno não responde quando é chamado, parece surdo, fica fazendo movimentos repetitivos sem motivo aparente, costuma mexer com todos os

dedos e as mãos de forma peculiar, costuma emitir sons e palavras repetidas fora do assunto, isola-se dos colegas sem motivos, comunica-se melhor quando fala de algum tema de seu interesse, reage excessivamente a barulhos altos ou contato físico, tem pouca noção de situações perigosas, segue rotinas próprias muito rígidas e incomoda-se quando foge da rotina. Se algum aluno apresenta algum desses comportamentos, pode ser que esse aluno seja um autista (Zirald, 2013).

Por apresentar dificuldade de relacionamento com as pessoas pode ocorrer um atraso na fala, daí a necessidade de estímulo constante e inclusão social.

CUNHA (2019), ressalta que o autismo pode ser observado nos primeiros anos de vida, no entanto, os sintomas parecem mais claros nos primeiros três anos, desse modo, torna-se de extrema importância a atenção do professor e da escola sobre o comportamento das crianças nessa fase.

O grau varia muito de criança para criança apresentando sintomas diversos, sendo três níveis de acordo com o manual de Diagnóstico e tratamentos mentais, são eles:

Nível 1, exigindo apoio; nível 2, exigindo apoio substancial; nível 3, exigindo apoio muito substancial. No nível 1 o indivíduo apresenta na ausência de apoio déficits na comunicação social que causam prejuízos notáveis dificuldade para iniciar interações sociais e exemplos Claros de respostas atípicas ou sem sucesso a abertura social dos outros; no nível 2 apresenta déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não-verbal; prejuízos sociais aparentes mesmo na presença de apoio; limitado em dar início a interações sociais e respostas reduzidas ou anormais a abertura sociais e outros. No nível 3 apresenta testes graves as habilidades de comunicação social verbal e não-verbal, os quais causam prejuízos graves de funcionamento e grande limitação em dar início a interações sociais e respostas mínimas à abertura social que partem dos outros (DSM-5, 2014, p. 52).

Gaiato (2018) afirma que idade materna ou paterna avançada, diabetes gestacional, infecções na gravidez, micro biomas maternos e outros podem ser a causa do autismo, no entanto ainda há muito a ser estudado para que se chegue a uma certeza. O autor ressalta que não há exames médicos laboratoriais ou de imagem que confirmem o diagnóstico do TEA.

Dessa forma, comenta Vale Monteiro e Lira (2018) e o cuidado em diagnosticar uma criança com autismo irá precisar de diversos profissionais os quais irão ajudar no desenvolvimento e no processo de ensino além de um espaço totalmente inclusivo para essa criança.

1.2 Profissionais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem das crianças autistas e seus desafios.

Berger (2005), sugere que o atendimento escolar de alunos com deficiência seja possível no ensino regular, deve haver a tomada de consciência e a disposição de participação no processo por parte dos vários sujeitos envolvidos, (pais, crianças, professores, gestores etc.) para o ensino de alunos com autismo na escola regular, entende-se que a formação dos profissionais especificamente de professores, precisa de investimentos em cursos de formação continuada na área da inclusão, a fim de que esses possam obter mais conhecimento e assim elaborar planos e aulas com estratégias que facilitam o processo de ensino das crianças com autismo.

Afinal, existem algumas crianças com níveis leves de autismo que precisam somente de ajuda temporária ou pouco suporte, já outras com níveis mais avançados necessitam de ajuda mais específica, portanto é preciso que o educador entenda e compreenda a importância de seu papel nesse processo que exige bastante esforço e dedicação.

2. ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM ESPECTRO AUTISTA

Alfabetização segundo Duarte Kummer (2020), é um processo de aquisição de leitura e escrita através do sistema alfabético e ortográfico.

Quando se trata de alfabetização de alunos com TEA esse desafio torna-se maior para os profissionais da Educação que em muitos casos não estão preparados para as demandas. Ferreiro (2017), salienta que é barreira para uma inclusão mais efetiva está na formação dos professores que atuam com alunos TEA. Por falta de conhecimento e de informação torna-se mais difícil a compreensão em relação a diversos tipos de comportamentos do autismo.

Em relação à presença e ao ensino de alunos com necessidades educacionais específicas na escola regular, professor alfabetizador precisa conhecer as possíveis estratégias com as quais ele possa trabalhar de modo a facilitar a compreensão dos conteúdos para o aluno com autismo e assim obter os avanços em sua aprendizagem, mesmo que esse avanço não corresponda ao esperado comparado às demais crianças que não apresentam limitações, Pois cada criança com autismo apresenta uma variação de características, ou seja, o professor precisa ter paciência e conhecimento para elaborar atividades diferenciadas e criativas para esses alunos (Gaiato, 2018).

Segundo o autor, isso traz um desafio a mais para a escola e para os profissionais de educação que em muitos casos não estão preparados para essa demanda, entretanto, entre as barreiras para uma inclusão mais efetiva está a formação dos professores que atuam com os alunos com TEA falta de conhecimento de informação dificulta compreensão em relação aos diversos tipos os de comportamento que uma criança com autismo possui, por isso se faz necessário mudanças no ambiente escolar, e o primeiro passo é buscar subsídios para melhorar e atender os alunos com espectro autista, como também oferecer condições adequadas de trabalho aos professores.

Cunha (2019) ressalta que além de incluir uma criança TEA no meio escolar, é necessário traçar um plano educacional junto com a família no contexto educacional, fazendo uma parceria e estabelecendo laços.

É de fundamental importância o trabalho conjunto entre a família e os profissionais pois haverá sempre a necessidade de que essa família esteja presente em todos os momentos pois a presença dela ajudará muito na progressão, pois muitas vezes a família é o gancho que o profissional precisa para começar e poder terminar. (Cunha, 2019, p.87)

2.1 Estratégias para alfabetizar alunos com TEA

O profissional de apoio anteriormente citado é muito importante na escola pois é ele quem vai garantir que seja possível que a criança tenha recursos para realizar as atividades propostas, proporcionando a ajuda de acordo com as necessidades de cada criança.

Gaiato (2018) salienta que ao elaborar estratégias para alfabetizar crianças com TEA deve-se inicialmente avaliar e analisar os aspectos cognitivos, afetivos e psicomotores além do aspecto de socialização, esse trabalho deve ser feito por um profissional de apoio AEE (Atendimento Educacional Especializado).

Em suma, o processo de alfabetização de crianças com autismo tem suas particularidades e especificidades em cada criança.

Pesquisas feitas por Santos 2012 e Almeida 2019, apresentam algumas concepções e práticas docentes que permeiam o processo de alfabetização de crianças com TEA, na busca de possíveis fragilidades e potencialidades desse processo.

A alfabetização de crianças com Tea envolve muitas etapas quando se trata das diferenças das características de cada criança.

Para que as práticas pedagógicas relacionadas à alfabetização do TEA possam ser planejadas, é de suma importância conhecer algumas etapas que nortearam o trabalho do professor.

Serra (2018) enfoca que a primeira etapa está relacionada a conhecer quem é seu aluno e quais as suas peculiaridades para entender se já é possível iniciar o processo de alfabetização, em alguns casos é possível introduzir os fonemas de imediato, em casos mais complexos poderá percorrer um longo período até que verifique o momento exato onde será possível iniciar o processo de decodificação de signos.

O autor reforça, antes de iniciar o processo de alfabetização do aluno com TEA, faz-se necessário desenvolver uma avaliação detalhada e fidedigna para que as atividades sejam apropriadas e adaptadas às necessidades da criança. O trabalho com TEA envolve sempre afetividade e interação social para que se desenvolvam outras áreas do conhecimento (Serra 2018).

Segundo Ferreira 1995, não existe um único método a ser aplicado devido às peculiaridades de cada aluno com TEA e o modo de vida de cada um, a autora ressalta que nenhuma prática pedagógica é neutra, e que essas práticas vão conduzir o professor a saber qual o momento certo para iniciar o processo de alfabetização.

Pereira (2014) comenta que o método muito usado por professores para o processo de alfabetização é um método fônico que prioriza o ensino dos sons

dos grafemas e do alfabeto, começando pelas vogais, e consoantes para depois desenvolver as sílabas e as palavras.

Pereira (2014) sugere um planejamento com atividades lúdicas para que as crianças possam aprender e a codificar a fala e a escrita no fluxo da fala e do pensamento.

Justifica (Gomes 2009) que nem todas as crianças do espectro autista estarão em condições de serem alfabetizadas devido aos pré-requisitos necessários no processo, para autistas falantes que conseguem nomear figuras, objetos e vogais o aprendizado pode ser mais rápido.

Costa (2016) reuniu algumas dicas de especialistas com alfabetização de crianças autistas que podem facilitar a prática pedagógica da alfabetização aluno com transtorno TEA:

1. Imagens - elementos visuais são geralmente mais bem compreendidos.
2. Abordagem fônica: usar os sons das palavras e letras.
3. Estrutura do processo: estruturar o processo de alfabetização, encontros vocálicos, sílabas simples, sílabas complexas e produção de textos.
4. Interesse restrito: termos específicos, palavras e temas que vão ao encontro dos interesses dos alunos autistas.
5. Atividades concretas e objetivas: as atividades devem ser sempre em folha de papel com poucas informações, quanto mais limpa melhor.
6. Uso de elementos multissensoriais: usar de recursos que exigem habilidades simples.
7. Rotina: aumenta o tempo de concentração, a rotina é fundamental no processo de ensino aprendizagem do autista.
8. Gravações: as crianças autistas gostam de reconhecer no vídeo é isso ajuda a memorizar e fixar aquilo que aprenderam;
9. Escuta sensível: ajuda a entender com o tempo quais fatores levam o aluno a uma sobrecarga cognitiva, ruídos, a posição na carteira e o reflexo da luz pode impedir a concentração do aluno.

2.2 Princípios da alfabetização para crianças neurodivergentes

- Individualização: cada criança neurodivergente apresenta suas peculiaridades, por isso a necessidade de uma abordagem personalizada e adaptada (Happé, 1999).
- Uso de recursos visuais: muitas crianças autistas são visuais necessitando de recursos como imagens vídeos e gráficos para aprenderem (Grandin, 2006).
- Estrutura e rotina: a estrutura e a rotina podem ser fundamentais para que a criança autista se sinta confortável e segura durante o processo de alfabetização.
- Uso de Tecnologia: a tecnologia pode ser uma grande aliada como apoio na alfabetização de autistas tais como, softwares de leitura e escrita, aplicativos de comunicação alternativa e aumentativa e outros vários recursos digitais.
- Apoio emocional: o apoio emocional é fundamental para ajudar as crianças autistas a lidar com desafios e frustrações que podem ocorrer durante o processo de alfabetização (Greenspan, 2006).
- Foco na comunicação: a comunicação é fundamental para a alfabetização dessas crianças que apresentam neuro divergência.
- Uso de estratégias adaptadas: é importante adaptar as estratégias de ensino às necessidades de cada autista, fazendo uma abordagem multissensorial baseadas no interesse de cada um.

2.3 Eixos integradores da educação infantil

Baseado na resolução do Conselho Nacional de Educação, a educação infantil deve ter como eixos norteadores a brincadeira e as interações sociais (Barbosa, 2009) argumenta que é através das interações sociais que as crianças se apropriam, reproduzem e produzem atividades vivenciadas na sociedade e que essas experiências são vinculadas aos desafios da vida coletiva daí a importância do projeto político pedagógico sistematizado que possa atender a diversidade cultural e social.

Barbosa (2014) salienta que conhecimento, alimentação, brincadeiras, controle corporal, movimento, repouso, recepção e despedida da criança devem ser práticas problematizadas e orientados na educação infantil, com o objetivo de garantir o desenvolvimento das crianças, ainda segundo o autor o ato educativo não diz respeito apenas a apropriação do patrimônio cultural da humanidade, mas em todas as ações que se propõem a Educar e cuidar, são ações indissociáveis afirma (Barbosa 2014), cuidar é uma postura ética de quem educa.

Vigotski (2009) ressalta a importância que, em meio às práticas educativas, é de extrema importância a possibilidade de expressão das emoções e dos sentimentos, sendo a compreensão da criança como ser pensante e afetividade torna-se parte integrante do processo de aprendizagem e desenvolvimento.

Neste contexto, não é diferente com as crianças com necessidades educacionais especiais, em especial na nossa pesquisa sobre alfabetização de crianças neurodivergentes faz necessário enfatizar a importância desse período da educação infantil que antecede a alfabetização, o período de socialização como estímulo e preparação para o processo de aprendizagem.

A lei 12.764 de 27 de dezembro de 2012, em seu 2º art., 1º determina que a pessoa com Transtorno do espectro autista (TEA), para efeitos legais seja considerada pessoa com deficiência.

Dessa forma, deverão ser escolhidas no ambiente escolar de forma que favoreça a sua participação social em igualdade de condições e oportunidade com os demais.

3. FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS QUE ATUAM NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM COM CRIANÇAS (TEA)

Como já foi mencionado, o acolhimento de crianças com autismo no ensino regular é um grande desafio pois nem todas as unidades escolares estão preparadas para receber e atender essas crianças.

(Beijer, 2013), comenta que para o atendimento escolar de alunos com autismo ou outra deficiência, seja possível no ensino regular, vários sujeitos

precisam estar envolvidos, salienta (Beijer, 2013) que além do envolvimento e compromisso, também faz-se necessário que a formação dos profissionais, principalmente dos professores deve ser continuada para que os mesmos possam oferecer um ensino de qualidade aos autistas para que possam fazer valer os seus direitos, elaborando planejamentos adequados a realidade de cada aluno, atendendo de acordo com suas peculiaridades.

No contexto histórico-cultural, a construção do ser humano como ser social, (Vigotski, 2007) se constitui na relação do indivíduo e sociedade.

As grandes mudanças históricas e sociais causaram transformações também biológicas, comprovando o que diz a teoria histórica cultural sobre o social e o biológico. As crianças de hoje se desenvolvem mais rápido devido às condições de vida, acesso à informação e estímulos.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Infantil Nacional lei 9394/96 tem como finalidade. Artigo 29, A educação infantil, primeira etapa da Educação Básica tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os 6 anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social complementando a ação da família.

Diante do exposto, podemos observar os pré-requisitos necessários para dar início ao processo de alfabetização dos alunos com necessidades educacionais especiais, com ênfase nos autistas que necessitam desse período que socializa e interage dada dificuldade de interação com a maioria das crianças autistas.

3.1 Estratégias que podem ser utilizadas no processo de alfabetização de crianças com autismo:

Após a aplicação da avaliação psicopedagógica para analisar os aspectos cognitivos, e psicomotores, além da socialização da criança, nível de concentração é necessário observar como funciona o pensamento e o desenvolvimento linguístico, afirma Gaiato:

O professor deve elaborar atividades específicas de acordo com o grau de autismo da criança, quanto maior o grau maior será o nível de suporte". (Gaiato, 2018, p.121)

Cunha (2019, p.59) reforça ainda que mesmo que o aluno não aprenda o que se busca ensinar, ele trabalhará a interação, a comunicação, cognição e movimentos, havendo conquistas e erros, dificuldades e superações.

Ferreiro (2017) chama a atenção para a questão do método utilizado para alfabetização de autistas e o nível de maturidade dessas crianças.

Segundo a autora, a utilização dos métodos e a forma como esse é aplicado, considerando as condições necessárias para que esses métodos sejam colocados em prática, vão nortear o trabalho do professor para que possa obter êxito nesse processo.

4. CONCLUSÃO

A pesquisa realizada revelou desafios enfrentados pelos docentes na alfabetização de crianças com Transtorno do espectro autista, que assim como outras deficiências, têm direito de inclusão no ensino regular, amparados pela lei Nº 12.764 /12.

Esses desafios estão relacionados a falta de suporte pedagógico, como o AEE (Atendimento Educacional Especializado) e a falta de qualificação dos profissionais que nem sempre estão preparados para lidar com as dificuldades apresentadas no âmbito escolar, ainda que os avanços sejam notórios, nem toda escola possui os requisitos necessários para a prática da educação inclusiva.

A falta de conhecimento e de experiência sobre o que fazer e como fazer na perspectiva da educação inclusiva é uma tarefa desafiadora, mesmo com todos os avanços que contemplam a educação de indivíduos inserido nesse contexto, ainda muito a ser feito, para isso se faz necessário buscar conhecimentos que favoreçam a compreensão dos fatores de desenvolvimento do processo inclusivo.

Dialogando com os princípios da alfabetização a partir da individualização, deve ser levado em consideração a individualidade do aluno e suas peculiaridades, o que pode ser considerado um dos primeiros desafios apresentados na alfabetização de autistas. Esse é o primeiro passo para o planejamento do professor, caracterizado também como primeiro desafio a ser superado. Diante da realidade de nossas escolas, se sabe que as turmas de educação infantil são lotadas no ensino regular, dificultando o trabalho

individualizado, que por consequência dificulta o princípio da rotina estruturada, e todos os outros princípios serão afetados pois é desafiador alfabetizar crianças neurodivergentes em especial os TEA, em um ambiente desfavorável e muitas vezes sem apoio do AEE, (atendimento Educacional Especializado) e com salas cheias.

O artigo 205 da Constituição Brasileira é claro quando afirma que a educação é direito de todos e dever do Estado e da família. Neste sentido, a escola que se configura como o local oficialmente de construção de conhecimento, deve-se constituir como espaço de pluralidade nas dimensões mais abrangentes dos direitos e deveres por meio do comprometimento e da transformação social. Dessa forma, a inclusão educacional é vista como um processo de crescimento dos seus sujeitos, não só pela inclusão social, mas pela lógica dos preceitos éticos.

Nessa perspectiva, o trabalho integrado entre família, escola e sociedade devem considerar a realidade apresentada por cada escola de forma a enfrentar os desafios postos.

Se faz necessário para o educador em sua prática docente, elaboração de enfrentamento, propondo situações em que o diálogo entre culturas e o respeito às peculiaridades se estabeleçam, mediando a construção do conhecimento e propondo a repensar as práticas docentes da inclusão.

REFERÊNCIAS:

BARBOSA, M. O. Atividade docente em Sala de Recursos Multifuncionais para educandos com Transtorno do Espectro Autista. Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas. 145f. Maceió, 2014.

BERGER, M.; WAGNER, T.H.; BAKER, L.C. Internet use and stigmatized illness. *Soc. Sci. Med.*, v.61, n.8, p.1821-7, 2005.

COSTA, D. S. Plano educacional individualizado: implicações no trabalho colaborativo para inclusão de alunos com autismo. 2016. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

CUNHA, E. Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educacionais na escola e na família. 8. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2019.

DUARTE, Iria Helena; KUMMER, Mauro José. Alfabetização e letramento. Recife: Telesapiens, 2020.

FERREIRO, Emilia. Alfabetização em Processo. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

GAIATO, Mayra. S.O.S. autismo: Guia completo para entender o Transtorno do Espectro Autista. São Paulo: Versos, 2018.

GÓMEZ, S. L.; TORRES, R. S. R.; ARES, E. M. T. Revisiones sobre el autismo. *Revista Latinoamericana de Psicología*, v.41, n.3, p.555-570, 2009.

GREENSPAN, S. I.; WIEDER, S. Engaging autism: using floortime approach to help children relate, communicate, and think. Cambridge: Da Capo Press, 2006.

HAPEÉ, F., & Frith, U. (2014). Annual research review: towards a developmental neuroscience of atypical social cognition. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 55(6), 553-577. DOI: 10.1111/jcpp.12162
» <https://doi.org/10.1111/jcpp.12162>

LIRA NETO, J. F. Considerações preliminares sobre o ensino da natação para autistas. Revista Educação Especial, Santa Maria, v. 31, n. 60, p. 167-179, jan./mar. 2018.

MUKHINA, V. O jogo como atividade principal na idade pré-escolar. In: MUKHINA, V. Psicologia da idade pré-escolar. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 155-166.

PEREIRA, D. M. (2014). Análise dos efeitos de um plano educacional individualizado no desenvolvimento acadêmico e funcional de um aluno com transtorno do espectro do autismo. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil.

SERRA, Dayse. Alfabetização de alunos com TEA. 2ª edição. Volume 3, Rio de Janeiro: E-NUPPES, 2018.

VIGOTSKI, L. S. Formação social da mente. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.5

VIGOTSKI, L. S. (2009). *A construção do pensamento e da linguagem*. 2. ed. Martins Fontes.

ZIRALDO. Autismo: uma realidade. 2013. Disponível em: <http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/caocivel/cartilha-ziraldo-ziraldoutismo-umarealidade.pdf>.